Mídias Sociais: apontamentos semióticos e sistêmicos[1]

Cândida ALMEIDA[2]
Centro Universitário SENAC de São Paulo, São Paulo, SP
Anhanguera Educacional, São Paulo, SP

RESUMO:
A presente proposta apresenta os resultados parciais dos estudos de investigação fenomenológica da natureza social e de linguagem das mídias sociais. A partir de conceitos da Semiótica Peirceana e da Teoria Geral de Sistemas, buscamos apontar como as mídias sociais tendem a promover os processos comunicacionais. Ou seja, como os processos sociais de comunicação interpessoal absorvem as transformações dessas mídias e como o uso produtivo delas tende a afetar as relações sociais e os processos cognitivos dos sujeitos participantes. Além das referidas bases teóricas, nossa discussão busca clareza em diversos autores contemporâneos que tratam do tema da cultura das mídias digitais para ampliarmos o debate e compreensão contemporânea do objeto.

PALAVRAS-CHAVE: mídias sociais. Semiótica Peirceana. Sistemas. Cognição. Rede. Comunicação digital

INTRODUÇÃO

No presente artigo buscamos bases teóricas, mais especificamente fenomenológicas, para começarmos a entender a natureza da linguagem das mídias sociais, o contexto de impacto no âmbito da comunicação e seus reflexos cognitivos com os internautas. O que se propõe é apontar um caminho que demonstre como o fenômeno midiático das redes sociais digitais interativas ocorre, percorrendo um caminho, ora ontológico, ora analítico. Para essa aventura propomos uma leitura complementar de duas teorias: de um lado a Teoria Semiótica (mais especificamente, a Fenomenologia Peirceana) e de outro, o ponto de vista da Teoria Geral de Sistemas, a partir da visão do astrofísico e semioticista Jorge Albuquerque Vieira (2006, 2007 e 2008) e seus estudos sobre complexidade e ontologia sistêmica.

A Semiótica aprece como alicerce para encararmos o ponto de vista fenomenológico das mídias sociais, além de servir como ferramenta para buscarmos compreensão sobre os processos de apresentação e representação das experiências viabilizadas nesse contexto. A

[1] Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
2 Maria Cândida de Almeida Castro. Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Professora universitária (SENAC SP; Anhanguera SP; FECAP-SP e PUC-SP). Pesquisadora e coordenadora do projeto de pesquisa "Mídias sociais: tendências e desafios da comunicação em rede" (http://midiassociais.pesquisa.blog.br). Pesquisa financiada pela FUNADESP. Apoio institucional: Anhanguera Educacional. Contato: prof@candidaalmeida.com.br; candidaalmeida@yahoo.com.br .

Teoria Geral de Sistemas nos auxilia no entendimento do contexto complexo e dinâmico no qual se inserem essas mídias, especialmente no que diz respeito ao papel da Internet, grande ambiente impulsionador dos processos evolutivos, tanto do meio como dos agentes (internautas) partícipes. Tratamos da natureza de um objeto ainda em processo de formação e adaptação em um mundo que nos impõe uma velocidade dantes nunca vivenciada. Velocidade no que diz respeito à quantidade e proliferação das informações comunicadas, à quantidade e modernização dos suportes disponíveis, às mudanças estruturais dos próprios meios de comunicação em função dos avanços tecnológicos e às mudanças interpretativas (cognitivas) do público a partir do contato e familiarização com essa dinâmica troca produtiva de informações.

1. FENOMENOLOGIA E NATUREZA SÍGNICA DAS MÍDIAS SOCIAIS

Neste primeiro item apresentamos uma pequena introdução das formulações da Teoria dos Signos, desenvolvida pelo cientista norte-americano, Charles Sanders Peirce (*1839 - †1914). A Semiótica se apresenta como teoria fundamental para observamos de maneira analítico-fenomenológica como se dão os processos de cunho interativo-relacional, favorecidos pelas mídias sociais. Nesse sentido, a Semiótica nos auxilia como importante fonte para a realização de análises dos efeitos dos processos de relação e representação de signos de naturezas distintas. A distinção se dá quando consideramos os imbricados processos de codificação e decodificação travados desde as matrizes dos códigos digitais, passando pelos suportes, interfaces, sistemas operacionais, visualizadores de informações (como *browsers* e aplicativos), o meio dinâmico da internet, hipermídias (as redes sociais da internet) e seus web atores[3].

1.1. Fenomenologia: ocorrência e essência

As proposições teóricas de C. S. Peirce são apresentadas, recorrentemente, através da enunciação de três conceitos correlatos. É tamanha a ocorrência desse tipo de estrutura que podemos tratar o pensamento peirceano, e mais especificamente a Semiótica Peirceana, como triádicos, por excelência. A base da arquitetura científica peirceana está na Fenomenologia, donde se extrai os fundamentos para o estudo fenomenológico das três categorias fenomenológicas. Cabe à Fenomenologia o governo do modo de ser da

[3]Pisani & Piotet (2010, p. 16) defendem que devemos respeitar essa condição em que os sujeitos passam efetivamente a dinamizar as trocas de informações e chamá-los (chamarmo-nos) de web atores.

experiência. Qualquer elemento material, ação, pensamento, qualidade ou sentimento ocorre, segundo Peirce, de forma fenomenológica. Ivo Ibri (1992) esclarece a necessidade de traçarmos categorias para o entendimento da Fenomenologia, uma vez que esta, pelo fato de reger o modo da experiência, "[...]parece não poder submeter-se a outro método de que não aquele constituído, fundamentalmente, pela coleta de elementos de incidência notável e pela posterior generalização de suas características". (IBRI, 1992, p. 06). Peirce defende que os modos de ser da experiência são reduzidos a três categorias universais. Ou seja, categorias irredutíveis e aplicáveis a todo e qualquer fenômeno (ou *faneron*).

> Tento uma análise do que aparece no mundo. Aquilo com que estamos lidando não é metafísica: é lógica, apenas. Portanto, não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossas vidas. Analiso a experiência, que é resultante cognitiva de nossas vidas passadas, e nela encontro três elementos. Denomino-os Categorias. (PEIRCE, 1999, p. 22-23)

São elas: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. A primeiridade – também entendida como presentidade – é a categoria que rege as qualidades de sensação, a espontaneidade, a talidade do fenômeno que brota da experiência. É o fenômeno em si, como nos aparece, sem que possamos atribuir-lhe qualquer juízo perceptivo, sem qualquer interpretação. Arena das qualidades e potencialidades, essa categoria é responsável pela capacidade de todo fenômeno vir a se representar. É o leque infinito de possibilidades de algo vir a ser. O algo, no caso, é o fenômeno. Vir a ser é, por assim dizer, a anunciação, o devir, a potência de materialização no mundo, a abertura para sua experiência. É inerente, ainda, a essa categoria a ideia de *mônada*. Isso significa dizer que, do ponto de vista metafísico, é a talidade do fenômeno, seu modo pré-maturo. "Não me refiro ao experienciar agora a sensação, ou vivê-la na imaginação ou na memória. Nesses casos a qualidade é apenas um elemento envolvido no evento. Interessa-me a qualidade em si mesma, que é um poder-ser não necessariamente realizado". (PEIRCE, 1974, p. 95) A tecnologia em si (antes de ser materializada) é uma faculdade que potencializa essa faculdade, que traz o novo, a descoberta, que abre as relações sociais para novos contatos.

A relação de um determinado fenômeno com outra coisa é uma etapa fenomenológica que corresponde ao modo de conflito da experiência. A esta ocorrência, Peirce considera a regência da segunda categoria classificada como secundidade. São atribuídas, à secundidade, as características de apresentação, ação e reação, existência, conformação, resistência, atualidade e, especialmente, conflito. "A segunda categoria - o traço seguinte comum a tudo que é presente à consciência - é o elemento de 'conflito'. (...) Por conflito, explico que entendo a ação mútua de duas coisas sem relação com um terceiro,

ou *medium*, e sem levar em conta qualquer lei da ação". (PEIRCE, 1974, p. 96). Conectar-se a uma rede social é uma ação que propicia o conflito, a reação, enfim que carrega de predomínio a categoria da secundidade. Assim também o é toda sorte de buscas que realizamos.

Para que conclua a sua condição de fenômeno, é necessário que ele estabeleça alguma relação representativa com outro fenômeno, ou seja, que entre em contato com um terceiro que o interprete. Esse processo de abertura às possíveis interpretações e representações fenomênicas é regido pela categoria da terceiridade. À terceiridade aliam-se as ideias de generalidade, representação, significação, propósito, mediação, infinitude, codificação, difusão, crescimento, regularidade, lei, etc. Para o autor, "Em qualquer relação triádica, achar-se-á sempre um elemento mental. Ação bruta é segundidade[4], mentalidade envolve terceiridade." (PEIRCE, 1974, p. 122) O que é o envolvimento da faculdade mental senão a clara noção da continuidade de um dado conflito? Isso é terceiridade. Portanto, cabe à terceiridade, a continuidade, mudança e crescimento. Tudo é vivo, tudo se transforma. A continuidade representa a terceiridade na perfeição. Qualquer processo cai nessa categoria." (PEIRCE, 1974, p. 98) Nesse sentido, é fato conclusivo que, quando recortamos um fenômeno para análise, extraímos um momento da sua continuidade. Se assim o fazemos, todo recorte é uma pausa na existência do fenômeno. É através desse raciocínio que Peirce declara que a terceiridade é um *medium*, uma mediação. "Por terceiro entendo o *medium*, ou o vínculo ligando o primeiro absoluto e o último. O começo é primeiro, o fim segundo, o meio terceiro. O fio da vida é um terceiro, o destino que o corta, um segundo". (Ibid)

Essa mediação fica clara pelo fato de o fenômeno ter uma memória interna sobre aquilo que ele representa. Terceiridade é representação, continuidade, generalidade e abertura para interpretação. Numa rede social, qualquer comentário, "curtida", "cutucada", compartilhamento são caminhos que abrem portas para novas manifestações e são recheados de atitudes mentais deliberadas, que se transformam em processos mediadores. A todo instante aprendemos a lidar com os novos recursos, novas linguagens, novos padrões. Essas, são manifestações claras de um universo mutante que nos obriga a interargirmos em processos contíguos, mutantes.

[4] Na tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sergio Pomerangblum dos Collected Papers of Charles Sanders Peirce, publicada pela Coleção Os Pensadores de 1974 (São Paulo: Abril Cultural), o termo utilizado pelos tradutores é Segundidade, muito embora o termo traduzido mais comumente adotado seja secundidade.

1.2. Signo em Peirce: recorte, referência e representação

As partes integrantes do signo, assim como a relação entre os diversos signos numa composição, estão fundamentados pelas categorias fenomenológicas, uma vez que os signos são existentes que desencadeiam os processos de relações (presentidade, conflito, lei), verificados na experiência. O exercício analítico da semiótica consiste, portanto, na análise dos *fanerons* enquanto signos participantes de uma cadeia. Segundo Peirce,

> Um Signo é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu Interpretante, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para a relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum*. (PEIRCE, 1999, p. 28)

A concepção de signo, em Peirce, é dada pela relação entre as três partes básicas que o compõe e que se alinham fenomenologicamente às três categorias apresentadas. Essas três partes são: o *representamen*[5] (ou o signo propriamente dito), o objeto do signo e o interpretante do signo. Apesar de cada uma ter características próprias, elas são concomitantes e interdependentes, uma em relação às outras. A isso, segue-se que o signo (*representamen*) é um primeiro (mônada) que estabelece uma relação com um segundo (seu objeto / díada) de modo a determinar um terceiro (interpretante / tríada).

O objeto do signo – aquilo que o signo busca representar – é, portanto, o contexto do signo, seu universo de aplicação e referência. Já o interpretante é o efeito resultante da determinação do signo pelo objeto e da representação do objeto pelo signo. Como consequência da relação *representamen*/objeto, dá-se a geração de um interpretante (mediador), indicando, por sua vez, a existência de uma terceira coisa que também está relacionada ao processamento sígnico, sua representação de fato. Decorre daí a abertura para um novo processo, gerando um novo signo, que se liga mediatamente ao signo que o criou.

Buscar nos signos entendimento da ocorrência e desdobramento das ações dos fenômenos no mundo, significa atribuir às relações, frutos (interpretantes) identificáveis para análise, uma vez que necessitamos identificar certas particularidades que podem surgir a partir de cada relação. Como um exemplo rápido, podemos citar uma publicação de uma fotografia de família na página pessoal do meu irmão, na rede do Facebook. Entre tantos e infinitos objetos que determinam esse signo *representamen* (a fotografia postada), citamos a

[5] É importante deixar claro que Peirce utiliza o termo SIGNO para referenciar tanto o signo como um todo (unidade mínima de estudo da semiótica), quanto a primeira parte do signo, também denominada *representamen*. Ou seja: SIGNO = signo (*representamen*) + objeto + interpretante.

festa de aniversário do meu sobrinho, evento em que a fotografia foi tirada. Para mim, ao ver a fotografia, imediatamente sou tomada por emoções e lembranças da ocasião que me fazem tecer longos comentários. Assim, podemos entender que o *representamen* (fotografia) foi determinado pelo objeto (festa) que, por sua vez, determinou o interpretante (minhas lembranças e meus comentários na foto) que, em consequência, me fizeram reagir e enviar uma mensagem ao meu irmão para agendar um novo encontro (interpretante do signo mensagem). Deste novo encontro, novos interpretantes, novas relações, novos signos se desencadearão sucessivamente.

A Semiótica Peirceana merece muitas e muitas outras páginas dedicadas. No entanto, nos reservamos a esses breves recortes para pontuar que as reflexões que se seguem têm como fundamento o engendramento das relações representativas que envolvem os processos comunicacionais das mídias sociais. Isso não quer dizer que faremos aplicações diretas da Semiótica, mas que essa ferramenta teórica nos serve como fundamento para a construção das nossas reflexões teóricas, aproximando-se de outros territórios conceituais.

2. COMPLEXIDADE SÍGNICA E SISTÊMICA DA WEB

Para Peirce, o mundo está repleto de signos que presentificam desde qualidades de sentimentos ainda nem percebidas, aos mais concretos objetos. No entanto, é preciso lembrar que os signos não se apresentam de maneira isolada, mas contrapostos a outros signos em determinadas composições. Essas composições não são aleatórias, exigem certo grau de concordância entre os elementos sígnicos e, para que os signos sejam parte de uma dada composição, é necessário que estejam relacionados, de alguma forma, àquele conjunto.

A necessidade de estudo da composição sígnica e suas relações com outros signos, sejam internos ou externos ao seu conjunto, leva-nos a entender essas composições como sistemas de trocas. Partindo desse pressuposto, torna-se lúcida a aproximação com a Teoria Geral de Sistemas (T.G.S.), que privilegia, justamente, o estudo das relações entre os elementos de uma composição. Relações essas, dadas pelo compartilhamento de propriedades que, no curso do tempo tendem a evoluir (modificar-se), conforme mudanças decorrentes das relações internas e do contato com o ambiente no qual o sistema está imerso. É exatamente esse movimento que caracteriza aquilo que podemos considerar

dentro da T.G.S. como evolução sistêmica. Ou seja, tratamos os sistemas como vivos, não estacionados, modificáveis, evolutivos.

É importante destacar que encaramos as mídias sociais como um sistema dinâmico, imerso em um ambiente que favorece a modificações ininterruptas de suas propriedades, dada a capacidade que esse sistema tem de se transformar no tempo. O ambiente (no caso a *web*) – que pode ser considerado outro sistema mais abrangente no qual o sistema mídias sociais está imerso -, aglutina diversos outros sistemas que, no curso do tempo, vão favorecer sua evolução.

A escolha pela abordagem sistêmica revela-se fundamental, pois, a partir dela, acessamos um conjunto teórico (ontológico) eficaz ao estudo das relações entre os elementos integrados de um sistema específico, bem como a dinâmica evolutiva de contato com as propriedades de seu ambiente invólucro. Assim, encontramos fundamento conceitual para investigar a complexidade existente nas relações entre os elementos que se conectam fora de seu sistema, provocando substanciais alterações evolutivas no interior desses processos de comunicação interpessoal que se manifestam pelas infovias da *web.*

É encarando tal complexidade que verificamos a importância de começarmos a traçar as particularidades sígnicas dos sistemas de mídias sociais, de um lado, e os efeitos imersivos do todo sistêmico (o sistema e seus ambientes), de outro. Nesse sentido, encontramos em Edgard Morin (2012) lucidez para enfrentar nosso caminho metodológico

> Não podemos mais considerar um sistema complexo segundo alternativa do reducionismo (que quer compreender o todo partindo só das qualidades das partes) ou do 'holismo', que é menos simplificador e que negligencia as partes para compreender o todo. Pascal já dizia: 'Só posso compreender um todo se conheço, especificamente, as partes, mas só posso compreender as partes se conhecer o todo.' Isso significa que abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. (MORIN, 2010, p. 182)

Consideramos que uma plataforma de mídia social – tomemos o Facebook como exemplo para seguir as explicações – é uma formação sistêmica complexa por envolver entre tantas outras características, as possibilidades de materialização e desenvolvimento de informações através do sistema digital, ser acessada de maneira interfaceada por diversos tipos de suportes (computadores *desktop*[6], *laptops*[7], televisores *smartphones*[8], *tablets*[9], etc),

[6] Computadores de mesa.
[7] Computadores portáteis.
[8] Dispositivos móveis multitarefas que incluem, necessariamente, o serviço de telefonia e acesso à internet.
[9] Suporte digital interativo móvel capaz de processar e servir de interface para execução de tarefas simples tradicionalmente realizadas pelos microcomputadores pessoais.

ser visualizada tanto por *browsers*[10] quanto por aplicativos específicos, servir de ponto de redistribuição de informações dos mais variados formatos e linguagens (videográficas, fotográficas, textuais, musicais...), servir como ponto de reunião e encontro de conexão de perfis[11], grupos, páginas, ter o seu corpo constante e ininterruptamente modificado pelas publicações de seus atores e toda a sorte de possibilidades derivadas da convergência dessas e de tantas outras características.

Observamos esse tipo de produção como um arcabouço de complexas relações sígnicas que, se encaradas sob o ponto de vista sistêmico, podem ser estudadas de maneira mais lúcida e integrada. Para iniciar esse entendimento, é importante colocar que tratamos de considerar que o estudo sistêmico é uma das formas de se acessar a realidade, sendo que seus sistemas são, por excelência, abertos. Ou seja, trocam informações e evoluem no curso do tempo.

> Admitiremos assim que a realidade é formada por sistemas abertos, tal que a conectividade entre seus subsistemas, com o consequente transporte de informação, gera a condição em que cada subsistema é mediado ou vem a mediar outros, comportando-se como signo, de acordo com a proposta de Peirce. Dessa forma, temos a possibilidade de conciliar a visão sistêmica com a semiótica peirceana, o que nos parece uma dilatação ontológica fértil para o estudo da complexidade. (VIEIRA, 2008, p. 29)

Adotaremos como base científica, os estudos de Jorge A. Vieira para conduzir a uma linha de raciocínio que nos permite elencar conceitos que envolvem as definições de sistema. Apesar de trazermos outros pensadores para os debates conceituais, é na linha do referido autor, que apoiaremos nossas discussões.

Com grande cuidado, Vieira (2006, 2007 e 2008) esclarece os princípios mais gerais da T.G.S. e, a partir de duas definições complementares, estabelece como um sistema deve ser compreendido. De um lado, revisitando os estudos do russo, Avanir Uyemov (1975), destaca a importância de se considerar as propriedades das relações estabelecidas entre os elementos de um sistema. Segundo Santaella & Vieira (2008) é importante destacar o valor que Uyemov atribui à emergência (capacidade de adquirir) e partilha (capacidade de trocar) das propriedades, uma vez que elas favorecem a evolução sistêmica. Assim, a emergência de uma nova propriedade no conjunto de relações tende transformar o sistema, elevando seu nível sistêmico, já que "a transição de um agregado de elementos ou mesmo de sistemas para um sistema de nível mais alto é obtida a partir da emergência de propriedades que desaparecem se o novo sistema for decomposto." (Santaella & Vieira, 2008, p. 31)

[10] Navegadores da internet. *Softwares* que traduzem a linguagem
[11] Informações interfaceadas que representam a identidade do internauta.

No entanto, Vieira (2008) destaca que a definição de sistema de Uyemov, apesar de esclarecer o movimento interno dos signos que compõem um sistema, não faz menção ao ambiente no qual um sistema emerge, possibilitando trocas com signos externos. Para ocupar essa lacuna, vamos ao encontro dos estudos e delineações conceituais propostas pelo físico e filósofo argentino, Mario Bunge (1999).

> A mais simples análise do conceitos de sistema envolve conceitos de composição (C), ambiente (A), estrutura (E) e mecanismo (M). A *composição* de um sistema é a coleção de suas partes. O *ambiente* de um sistema é a coleção de signos que agem sobre os componentes do sistema ou são objeto da sua ação. A *estrutura* de um sistema é a coleção de relações (em particular laço ou elos) entre os componentes do sistema, bem como entre estes e os itens ambientais. Os primeiros podem ser chamados de *endoestrutura* e os últimos de *exoestrutura* do sistema. Assim, a *estrutura total* de um sistema é a união desses dois conjuntos de relações. [...] Finalmente, o *mecanismo* de um sistema é formado pelos processos internos que o fazem funcionar, isto é, mudar em alguns aspectos enquanto o conservam em outros. (BUNGE, 1999, p. 359)

Dentro dessas definições, o autor propõe a notação em que que considera s um sistema, da seguinte maneira: S = <C(s), A(s), E(s), M(s)> Ou seja, o sistema s é dado pela quádrupla ordena entre: os elementos que compõem s, do ambiente que age em s, das relações entre os componentes internos e externos de s e do mecanismo interno de s. Somando a isso, o fato de que esses elementos não são estáveis e que no curso do tempo, qualquer um, mais de um ou todos os elementos devem se alterar, provocando a mudança do sistema.

Como é possível notar, a definição de sistemas de Mario Bunge (1999) infere sobre a existência de um sistema maior, seu ambiente, envolvendo o sistema em destaque e para onde o sistema tende a evoluir. Nesse sentido, é viável considerar como sistema, um agregado de signos inter-relacionados que partilham determinadas propriedades, de modo particular, e se conectam mediatamente com signos do seu ambiente invólucro. Dado que o ambiente tende a sofrer mutações em função da maior variedade de seus elementos internos, e de suas outras conexões com sistemas ainda maiores, o sistema analisado tenderá a evoluir, adquirindo propriedades do seu ambiente.

Esse movimento, que é próprio dos sistemas abertos pressupõe a evolução sistêmica e ao estabelecermos aproximações conceituais com a Semiótica Peirceana, encontramos no conceito de semiose, grande afinidade teórica. A semiose, em resumo, implica na evolução processual e infinita do signo relacionando-se com outros signos que estão próximos a ele e, a partir daí, ganhar novas características para tornar-se um novo signo que estará sujeito a todo esse processo de forma mutante, infinita e ininterrupta.

Dessa maneira, acreditamos que a organização de uma composição e o modo como o processo de interpretação sígnica ocorre, pode ser compreendida de um modo sistêmico-semiótico. Assumimos, portanto, o caráter sistêmico, aberto e evolutivo das mídias sociais e seus reflexos e contaminações com seus ambientes externos para o enfoque analítico deste trabalho.

3. MÍDIAS SOCIAIS: A DINÂMICA SISTÊMICA DOS SIGNOS EM MUTAÇÃO

A partir do contexto acima, podemos inferir que as mídias sociais, representadas por uma complexa interface de rede social digital na *web* (como a rede Facebook), podem ser consideradas como um conjunto sistêmico cujas propriedades são partilhadas com elementos internos (os perfis, as *timelines*, os grupos,...) e externos ao sistema (como os *posts* oriundos de outras *urls*, os internautas, as empresas que patrocinam publicidades, as outras redes que se integram a esta, - como o Youtube[12], por exemplo -, que fazem parte de um ambiente (como a internet, *a web*, o conjunto de internautas inscritos na rede), que têm como mecanismo, a sua linguagem (digital interativa interfaceadora de informações estabelecidas por signos oriundos de imagens, textos e sonoridades) e evolui (abre-se a novos interpretantes), assumindo modificações em todos os seus elementos (conjunto, ambiente, estrutura e mecanismo) na medida em que as trocas sígnicas vão sendo estabelecidas interna e externamente ao sistema. Ou seja, toda e qualquer transformação em qualquer um desses elementos deverá provocar substanciais transformações nos signos conectados a esse sistema, especialmente se lembrarmos que parte desses elementos é, justamente, o ser humano e toda sua complexidade sistêmica social.

Trazendo para nossas reflexões um debate mais aplicado, encontramos nas palavras de Pisani & Piotet (2010) respaldo para nossas inquietações quando apontam as transformações da *web* em função da participação social midiática

> As ferramentas de criação de blogs, de compartilhamento de fotos, de mensagens instantâneas, de telefonia levam um número espantosamente elevado de usuários a se tornar web atores, porque são mais simples, mais acessíveis, mais claras. Conectados em rede, permitem criar ligações, estabelecer relações quer entre dados, quer entre pessoas, ou entre pessoas e dados. A dimensão social da web encontrou-se, assim, acelerada pelo forte aumento do número de usuários e de ferramentas à disposição deles. Maior número de web atores, mais relações são estabelecidas, mais o sistema é rico e funciona melhor. (PISANI & PIOTET, 2010, p. 24)

[12] Rede social digital interativa que tem como princípio o serviço de postagem e compartilhamento de vídeos por parte dos internautas. Esta ferramenta, por sua vez, é integrada ao Facebook. Assim, ao inserirmos um *link* de alguma publicação videográfica do fica do Youtube, na linha do tempo do Facebook, essa peça (vídeo) é exibida, sem a necessidade de migração de interface.

Pela descrição dos autores, nota-se uma clara movimentação sistêmica (entre sistemas) no contexto das trocas simbólicas e evoluções propiciadas pelas mídias sociais. Assim, evidencia-se a complexidade e necessidade de um alcance fenomenológico para entendimento das mídias sociais como subsistema do nosso sistema social que, além de mediar grande parte das relações, é capaz de provocar mudanças não apenas nas conexões estabelecidas, mas nas próprias propriedades dos elementos, ou seja, no próprio ser humano e sua capacidade cognitiva.

3.1. Emergência e transformação - rede, *links*, nós e atores da *web*

Para tratarmos fenomenologicamente do tema das mídias sociais é de suma importância que possamos trazer considerações do que é esse grande ambiente envoltório – a *web* – que tantas trocas propicia com seus agentes, especialmente aquelas viabilizadas pela *internet* e seu sistema de protocolos, a World Wide Web (WWW). Um sistema totalmente aberto em suas perspectivas de ampliação da quantidade de nós, do número de sujeitos interatores (*web* atores) que registram suas marcas simbólicas, construindo uma babel de representações e interesses. A busca por esse entendimento é essencial para enfrentarmos a articulação de como os internautas se integram nas mídias sociais, vivenciam e experienciam (fenomenologicamente) essas novas linguagens e se presentificam enquanto parte operante de uma rede social que reinventa a nossa própria sociedade.

Defendendo uma filosofia da rede, Pierre Musso (2010) coloca que "a rede é um veículo que nos transmuda em 'passantes', sempre mergulhados nos fluxos (de informações, de imagens, de sons, dados)". (MUSSO *in* PARENTE, 2012, p. 36-37). Os fluxos informacionais possibilitados pela *web*, apontados pelo autor, mais do que caminhos, revelam-se como processos interpretante mutantes, na medida em que tais fluxos são dados pelas relações interativas e seus acessos a outras novas e emergentes relações interativas.

Enfronhando nessa perspectiva, Albert-László Barabási (2009) oferece um importantíssimo estudo ao que denomina, "Ciência das Redes". Ao tratar dos *links* e nós, ele retoma a teoria dos grafos, apontando que os nós são os pontos de interconexão (no caso, as interfaces) e os *links* os caminhos dessas interconecções - fluxos. Nesse contexto, a interface pode ser entendida como o nó acessível (cognoscível) de uma dada produção, uma vez que cabe a ela estabelecer a mediação (tornar-se interpretante) entre o sistema compositivo (as informações) em toda sua organização e seu público. Assim, as interfaces

propiciam o acesso às informações, mediam os fluxos interativos e tornam-se responsáveis pela representação sígnica dessa relação.

O surgimento de novos recursos interativos, técnicas, linguagens de programação, interfaces, *softwares*, suportes, *hardwares* e componentes de informática pressionam as produções interfaceadas a estarem sempre preparadas para serem fruídas e suportadas pelos recursos mais recentes ou mais propícios às mediações sígnicas com seu público. Se pensarmos, por exemplo, na interface do Facebook, notamos que recorrentemente sua estrutura é alterada, demarcando novos paradigmas e formatos para os processos interacionais e cognitivos e assim, novas experiências fenomenológicas.

No ano de 2012, por exemplo, assistimos às mudanças no acesso às informações pessoais, mudança de acesso aos aplicativos que se integram à rede, alteração da apresentação do perfil com fotos de capa, adaptação de formatos para a rede ser visualizada em dispositivos móveis, mudança nas notificações globais dos "amigos", mudança na estruturação da *timeline* passando a demarcar historicamente as ações e se comportar como um *feed*[13] de notícias, mudança na apresentação das imagens fotográficas, aumento considerável dos espaços publicitários, otimização da visualização sonora e videográfica, personalização de capa para o perfil, entre tantas outras mudanças. Essas modificações estruturais podem ser entendidas como capacidade de adaptação das hipermídias às novas demandas e ao poder que elas têm de ditar tendências nos processos comunicacionais interativos com a ininterrupta evolução sistêmica de aquisição de novas propriedades.

A evidência dessa dinâmica de troca sistêmica com seus ambientes, resultando na consequente alteração de sua composição, estrutura e mecanismo – conforme análise sistêmica de Bunge (1999) – configura-se, provavelmente, como o mais contundente motivo pelo qual rede Facebook venha ganhando tanta força e se mantendo como referência em mídias sociais. Ou seja, parece-nos plausível afirmar que o fato de o sistema (midiático social interativo) Facebook abrir sua interface e seu mecanismo interativo para constantes mudanças, favorece à adaptação dessa mídia social às próprias modificações estruturais sistêmicas da internet. Assim, esse processo dialógico de evolução sistêmica e adaptação na relação com seu ambiente, pode favorecer a uma permanência maior de usufruto social, conquanto seus atores encontrem ali, uma interface que possibilite a representação de seus interesses e contato com seus nichos sociais, possibilitando caminhos e aberturas para experiências fenomenológicas distintas.

[13] Coleção de manchetes de notícias associadas.

Do ponto de vista social, é extremamente importante assumirmos que a sociedade aprendeu a se relacionar pelas infovias[14] da *web*, estabelecendo laços (interfaceados, mediados) com outras pessoas (interpretantes), formando grupos, firmando identidades, ignorando de vez as fronteiras físicas da informação que separam os cidadãos nos vários cantos do mundo. Outro ponto a se destacar, sob a perspectiva social, é o fato de o sujeito (interagente) poder se inventar nos nós da grande rede, através dos perfis dos internautas. É o que acontece, por exemplo, nas redes de relacionamento, nas quais é exigido o registro com detalhamento de características visuais, socioeconômicas, escolaridade, gostos pessoais e interesses diversos de cada participante.

Esses procedimentos de autorepresentação fazem com que o sujeito tenha a possibilidade de se apresentar conforme seus interesses específicos na comunidade, grupo ou redes de relacionamentos das quais participa, forjando, assim, a própria forma como abre-se ao conflito (secundidade) com os demais atores da rede.

De outro lado, parece-nos inegáveis as mudanças cognitivas de toda e qualquer pessoa que passe a usar habitualmente a *internet*. A velocidade no processamento cognitivo da informação se altera com a mesma rapidez com a qual um internauta sente-se impelido a clicar em um *link*, a não clicar em outro ou com a rapidez com a qual ele diagnostica e qualifica uma página, uma notícia ou um *post*. Assim, o próprio pensamento vai acompanhando o frenesi das "*linkagens*". Um pensamento que pela própria característica da velocidade, vai perdendo a capacidade de ser profundo e gerar memórias no longo prazo.

Outro exemplo prático é a capacidade que as pessoas (internautas) adquiriram de lidar com uma grande diversidade de informações simultâneas, algo que parece criar uma coletânea de leis (terceiridade) perecíveis em pouco tempo. Hoje nos vemos interagindo com dezenas de programas, aplicativos, documentos, pastas e sites simultaneamente. E, diga-se, com bastante naturalidade e desenvoltura. A *internet*, as interfaces, os computadores – bem como os dispositivos portáteis – já não são novidade. Figuram agora como ferramentas necessárias para grande parte dos processos de comunicação.

CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Ao realizarmos uma busca sobre a natureza fenomenológica e sistêmica das mídias sociais, nos deparamos com algumas questões que fazem-nos repensar o próprio conceito de mídia para ser aplicado no contexto de troca de informações mediadas pelas redes

[14] Canais onde correm os fluxos de informação.

sociais digitais interativas. Tais questões lançam-nos novas hipóteses e projetam desafios que devem ser encarados pela comunidade.

Os estudos fenomenológicos e sistêmico demonstram que as mídias sociais marcam em definitivo um novo paradigma da comunicação em que aqueles antigos receptores se desdobraram tripartidamente e concomitantemente em emissor, meio e receptor. Somos nós, internautas, atores da web, a própria mídia atualizada em uma interface digital interativa aberta à conexão de diversos nós e novos *links* constantemente?

O que se tem a impressão é de que, ao entrar no mundo labiríntico das mídias sociais, nos deparamos com tantas portas e possibilidades que será necessário uma infinidade de chaves e descobertas de segredos para continuarmos a seguir. Nesse sentido, notamos que a nossa sociedade está aceleradamente passando por processos de redefinição em sua organização social. Isso se verifica pela forma como as pessoas estão interagindo e gerando interpretantes das informações a que estabelecem contato. Novos grupos se formam, novas linguagens de conversação se estabelecem e novas manifestações de apoio ou repúdio das relações e das informações tornam-se públicas. Raquel Recuero (2012), aponta ao tratar sobre a conversação em rede que

> Com o advento dos sites de redes sociais, essas conversações online passaram a criar novos impactos, espalhando-se pelas conexões estabelecidas nessas ferramentas e, através delas, sendo amplificadas para outros grupos. São centenas, milhares novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos. (RECUERO, 2012, p.121)

Assim como Recuero (2012), acreditamos nesses novos comportamentos. Passamos, após esses estudos a entender que trata-se, sobretudo de um novo paradigma social. Com especial destaque, deixamos registrada a preocupação em identificarmos como o ser humano está absorvendo essas avalanches de informações e relações sociais diárias, muitas vezes superficiais. Ou seja, como nós (complexas propriedades) tendemos a lidar com o conjunto das outras propriedades sistêmicas e de que forma a adaptação ao ambiente interfere nos processos cognitivos e relações interpessoais?

REFERÊNCIAS

CP é a notação usual para fazer referência à obra Collected Papers of Charles Sanders Peirce editada por HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul & BURKS, Arthur. Eletronic Edition. Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Wiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University, 1931-1935 & Vols. VII-VIII. Burks, A. W. (ed). Cambridge: Harvard University, 1958.

BASTOS, Marcus. **Ex-crever? Literatura, linguagem, tecnologia**. 143f. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, São Paulo, 2005.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked (conectado): a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

BUNGE, Mario. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Treatise on basic philosophy** – vol. 4 Dordrecht: D. Reidel Publ.Co., 1979.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noētós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUSSO, Pierre. **A filosofia da rede**. *In* Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre, Sulina, 2010.

PISANI, Francis & PIOTET, Dominique. **Como a web transforma o mundo: alquimia das multidões**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PARENTE, André. (org.) **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Eletronic Edition Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Wiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University (1931-1935), 1994.

_____. **Os pensadores, vol. XXVI**. São Paulo: Abril, 1974.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Lingugaens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA Lucia & VIEIRA, Jorge A. **Metaciência – Uma Proposta Semiótica e Sistêmica**. São Paulo: Mérito, 2008

UYEMOV, Avanir. Problem of Direction Time and The Laws of System´s development. *In:* **Entropy and Information in Science and Philosophy**. Praga: Elsevier Sc Publ. Co., 1975.

VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Ontologia. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

_____. **Ciência. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007

_____. **Teoria do Conhecimento e Arte. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.